

Mito e linguagem: breve reflexão sobre o discurso

Moisés dos Santos Viana

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Praça Primavera, 40, Itapetinga, Bahia, Brasil. E-mail: tutmosh@gmail.com

RESUMO. O presente artigo é uma reflexão acerca da natureza do mito, especificamente da qualidade do mito grego e sua estrutura significativa, contexto da sua formação. Além disso, a comparação do mito enquanto ação de linguagem retrata uma realidade específica e cheia de significados, o discurso. Atualmente, a palavra, expressão linguística por excelência é mitológica, como analisa Barthes em suas reflexões. Assim, mais que simples elucidação verbal do passado, o mito se faz presente constituindo a realidade humana hodierna, ou seja, discurso.

Palavras-chave: mito, linguagem, discurso.

ABSTRACT. Myth and language: a short reflection on discourse. This article is a reflection on the nature of myth, specifically the quality of Greek myth and its significant structure and the context of its formation. Also, comparing the action of myth as language portrays the discourse as a specific reality. Today the word, a linguistic expression is mythological, as Barthes analyzes in his reflections. More than a mere verbal elucidation of the past, the myth makes itself present in the current human reality.

Key words: myth, language, discourse.

Introdução

O termo *μῦθος* - *mythos* - *mito* com significado diverso é narrativa, palavra, enunciado humano dentro de uma perspectiva de análise da realidade. Um relato antigo de um pretérito imemorable que se atualiza em todos os momentos da narrativa; grandes feitos heroicos, numa ocasião sem registro histórico comprovável cientificamente. A concepção de um *mythos* mostra elementos que se ligam entre si, pois ele não se apresenta de forma isolada do contexto em que é narrado e sempre se combina com a história, a sociedade e o mundo. Há daí a atuação de personagens que estão além da esfera humana, sobre-humanos, que superam a física, ou seja, a linguagem.

No entanto, na reviravolta dialética da história, o mito passa para o senso comum como algo negativo, mas que os estudos da linguagem e da antropologia resgatam como valor intrínseco da capacidade intelectual humana de compreender a realidade. Apesar de negá-lo, a sociedade contemporânea ocidental se faz necessitada do mito, pois este se confunde com as formas de comunicação linguística do tempo hodierno, que narra a busca mítica da “Idade do ouro”, como declara Le Goff (1990, p. 291) ao analisar as idades míticas.

Entretanto, contemporaneamente, de forma pejorativa, o mito é denominado fábula, história fantástica e inverossímil, um acontecimento

narrativo sem o caráter da verdade construída pela modernidade (DESCARTES, 2000). Quanto à forma, ele é fábula, fantasia, mas o mito se faz numa função bipolar que foge ao caráter de um conceito científico. “O fictício consiste em que, de fato, não ocorreu o que o relato mítico diz. O real consiste em que de alguma maneira o que o relato mítico diz corresponde à realidade” (MORA, 2001, p. 1979). Por isso, é de nosso interesse salientar que, à sua maneira, o mito traz uma realidade, mesmo que distante da epistemologia racional fundada na tradição ocidental a partir da modernidade. Mito, então, é qualificador do mundo, segundo seus próprios critérios de vida, gêneses de discurso, ou seja, aspecto fundamental para a vida humana.

Assim, eis o pensamento do mito como discurso, uma possibilidade de descrição da realidade. Porque o mito toma caráter discursivo, torna-se palavra, uma necessidade do homem que precisa narrar e compreender o incognoscível. Assim, nomeia-se, dando conteúdo à manifestação do ente nomeado. Por exemplo, a divindade que se faz presente é nomeada, torna-se palavra-existência, algo ativo e presente.

Por isso, a nossa hipótese é que o mito tem um caráter discursivo. Ele é a palavra que se transforma em símbolo dúbio, signo que esconde e revela a realidade, obscurece e esclarece o sentido do mundo, detendo um poder próprio dado e potenciado do discurso. Mito é signo e este também se faz

existência autônoma e eloquente. O passado e o presente se tornam o descrever, primeiro modo de compreensão do Ser no humano.

Neste contexto, o nosso trabalho é uma modesta maneira de apresentar o mito, revisando o assunto numa perspectiva grega, depois como ele é exposto hoje, seu sentido discursivo e semiótico. O mito não morreu, está entre nós, faz parte do ser humano que desde muito é um ser de linguagem, um ser narrativo/discursivo, portanto mítico.

Teoria

É interessante, desde o início, salientar como as narrativas eram importantes para o povo grego na Antiguidade. Ele sabia contar suas histórias, suas lendas. Ou melhor, cantava bem seus mitos. De sua maneira, ele relatava o que lhe era revelado pela divindade, um mistério cantado. Desde a *arché/génesis* primordial até a formação das instituições, tudo era passível de uma descrição mitológica, ou justificada pela ação de alguma força mítica.

Temos, então, além de uma resposta cosmológica, o mito também como estruturador da realidade sociopolítico-cultural da Grécia Antiga (CASSIRER, 1968). O povo grego era de índole exploradora e expansionista. Conectando-se com muitos povos por viagens marítimas, fundava as *apaikía* (colônias), mostrando ao mundo seus valores e recebendo seus encantos. Tal expansão se estendeu principalmente pelo Mediterrâneo, ligando a Europa, a África e a Ásia. O contato com tantos outros povos somente corroborou a já cultura miscigenada grega (dórica e helênica). Então, a prática religiosa, as diversidades dos povos se misturam com as aventuras superlativas dos navegantes, dos soldados, num tempo distante, dando corpo a um cabedal mitológico:

Para os gregos que ouviam em silêncio e quase com veneração a voz do cantor, a descrição acendia-lhes uma visão muito familiar. Eles eram marinheiros, acostumados a navegar de olhos nos astros que lhes indicam a rota no mar sem estradas (LIMA, 1996, p. 49-50).

Tudo isso acontece numa verdadeira epopeia que se transformou na epopeia dos heróis, dos deuses, pois havia mitos, havia fatos e ações cotidianas, palavras expressas e atos humanos. O Ser se manifestava e com ele a realidade moldada nos critérios de compreensão humanos. Desse modo, “A Teogonia de Hesíodo apresenta-se assim como um hino à glória de Zeus rei” (VERNANT, 1972, p. 77), o símbolo da ordem das forças cósmicas contra o caos, ou o símbolo da humanidade vencedora da

natureza desordenada. Quem fez surgir também domina, é o *basileuein*, uma justificativa interessante para o que acontecia na história do povo do contexto atual.

Para Jordé (1977, p. 125), os deuses “nada mais são do que seres humanos, maiores, mais fortes, mais belos, eternamente jovens”, um ideal, uma realidade utópica para as pessoas do tempo sem temporaneidade específica. O universo hierarquizado justificava a sociedade, as relações, as forças, as escalas de precedência, de autoridade, de dignidade, vínculo de domínio e de submissão. Assim, nada melhor que o mito para tratar de uma realidade tão delicada como a política, por exemplo. O mito justifica a política, o poder e suas relações, minimizando conflitos, estabelecendo acordos.

No mito grego havia a narração, livre forma em que a sociedade grega se expressou, fazendo discurso de sua crença e de sua história atemporal. Pelos mitos, ela se conheceu e se formulou.

E na forma de relatos que contam suas aventuras lendárias, ao longo de acontecimentos dramáticos que, desde seu nascimento, marcam a carreira dos deuses que as Potências do além são visadas, expressas, pensadas em suas relações recíprocas, nas zonas de ação que lhes são atribuídas, nos tipos de poder que as caracterizam, em suas oposições e seus acordos, em seus modos particulares de intervenção sobre a terra e de afinidade com os homens (VERNANT, 2002, p. 230).

Na Grécia Antiga, os deuses e heróis eram modelos e arquétipos para formar o *ethos* de povo, de cultura para a sociedade. Na Teogonia de Hesíodo, por exemplo, há uma consciência explicativa, uma experiência de mundo, uma forma de relatar as origens até o tempo do ‘agora’, quando viveu o poeta. A Teogonia retrata uma visão de mundo, a identidade coletiva e primitiva cujo porta-voz é o poeta: “[...] em Hesíodo tenemos al representante de una visión religiosa que hunde las raíces en el fondo de las tradiciones más primitivas” (ALSINA, 1971, p. 101). Assim, foi se formando um conjunto de símbolos que retratava uma realidade familiar, moral e psicológica. Formou-se a identidade humana em contato com a realidade, o discurso e o Ser.

Nesse ponto, o papel do poeta é importantíssimo. Porque ele que era o transmissor dessa sabedoria mítica. “O poeta, portanto, tem uma palavra cantada, o poder de ultrapassar e superar todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais” (TORRANO, 1991, p. 16). Para ele, as musas inspiravam, revelavam, nomeavam o segredo escondido do sagrado. O saber das musas constrói para os mortais uma nova realidade além da vida

sofrida, desgostosa daquele tempo. O poeta, então, via o mundo pela lente constituída de mitos e lendas. Por isso, além dos poetas, os heróis e os deuses estavam presentes no dia-a-dia do homem grego sob a forma do discurso poético, numa tradição oral bem próxima de cada pessoa da Grécia. O mito comunicava uma história ímpar de uma época antiquíssima. “A luta, a violência e a fraude entraram na cena do mundo com o golpe da foice de Crono” (VERNANT, 2002, p. 250). Assim canta Hesíodo para apresentar as respostas para as questões da humanidade, justificá-las de maneira bem eloquente ao narrar o crime do deus que tem o pensamento-curvo, com astúcia e ímpeto de uma foice afiada e traçoira¹.

Do crime de Crono nasce a realidade paradoxal: ódio, vingança e guerra (Gigantes e Ninfas dos Feixos, Melíades); e amor, carinho, sensualidade (Afrodite). Hesíodo nos conta, ainda, os filhos da Noite, potências da escuridão, pertinências da desgraça e da desordem que se fazem presentes em meio a tudo que é vivo, justificando a realidade mítica em forma de poesia: “[...] o relato tem como função trazer uma resposta a problemas fundamentais, como o estatuto dos deuses, a existência da morte, a condição dos homens, as formas de vida social” (VERNANT, 2002, p. 290). Na Antiga Grécia, o mito existe não como discurso falacioso e fabuloso. Ele postula o símbolo, a coerência, o orgânico, a realidade.

Então, a função normativa era estabelecida, juntamente com costumes, estereótipos, paradigmas, diante das diversas atividades humanas em todas as dimensões. Retratava outras épocas antigas, quase perdidas, as origens do mundo. Fazia sobreviver as formas culturais, transmitia valores para o cotidiano. “[...] a forma da plasmação mítica reflete, não tanto a forma objetiva da coisa, quanto, sobretudo, a do agir humano” (CASSIRER, 1992, p. 60). Capaz, portanto, de desenvolver o que hoje chamamos de senso de humanidade, civilização, no sentido subjetivo de consciência individual.

Sin embargo, este antropomorfismo de la religión popular griega no estaba desprovisto en modo alguno de un valor y significado positivos. La humanización de los dioses representó un paso indispensable en la evolución del pensamiento religioso (CASSIRER, 1968, p. 82).

Destarte, o mito é uma narrativa, uma palavra de peso que enuncia o que realmente ocorreu, o que se

manifestou ao ser humano de forma fantástica: “É sempre, portanto, a narrativa de uma ‘criação’: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser” (ELIADE, 1972, p. 11). É nosso interesse também apresentar tal fórmula. Seguimos uma estrutura específica de Mircea Eliade, que caracteriza muito bem todo esse desenvolvimento do mito antigo sob uma fórmula padronizada:

- quem protagoniza são entes sobrenaturais: deuses, semideuses, heróis e heroínas dotados de dons espetaculares;

- a história é verdadeira, real, sagrada, tem um contexto específico;

- narra a criação, como algo que veio a existir num processo antigo, imemorable, mas que é lembrado e atualizado;

- conhecer essa narrativa é ter poder de manipular os entes, as coisas criadas e participar do poder, justificando a memória do mito, sua repetição.

Desse modo, estruturalmente o mito transpunha para a linguagem dos humanos o que pertencia ao mundo beatificado dos deuses (o mito aqui também assume uma perspectiva de relação de espaços simbólicos e realidades), pois as divindades não adoecem, não murcham e são fonte de tudo que existe.

Encontramo-nos, assim, frente a um pensamento estranho às categorias que conhecemos: ao mesmo tempo mítico e erudito, poético e abstrato, narrativo e sistemático, tradicional e pessoal. Esta especificidade cria a dificuldade e o interesse da Teogonia de Hesíodo (VERNANT, 2002, p. 242).

A realidade contada tem o valor da palavra, é o próprio deus a falar englobando todos os tempos “o aspecto mental da vida coletiva, ele trabalha para estruturar, classificar, sistematizar, tornar assimilável, edificar um pensamento comum, um saber compartilhado” (VERNANT, 2002, p. 242). Na Grécia Antiga, o mito se identifica com o sentido mítico do tempo atual, mesmo que na modernidade haja uma relutância em aceitar o mito, apresentando-o como opositor ao discurso racional filosófico e científico.

Na própria Grécia Antiga se iniciou o que nós chamamos de Paideia, ou seja, aquele momento gênese do pensamento teórico-racional e paradoxal, ora negando, ora usando o mito como forma de construção da teoria, como indicam os fragmentos dos pré-socráticos e os diálogos platônicos. Tal percepção intelectual se desenvolveu e travou contato com o pensamento judaico-cristão, dando origem ao pensamento Ocidental. Constituiu-se o

¹ “Da tocaia o filho alcançou com a mão esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice longa e dentada. E do pai o pênis ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo para trás. Mas nada inerte escapou da mão: quantos salpicos respigaram sanguíneos a todos receberam a Terra.” [§ 180] (HESÍODO, 1991, p. 115).

que chamamos hoje de ciência ou prática metodológica, cuja vertente e desenvolvimento se deu, principalmente, com Descartes e Newton.

A este respecto parece posible, y hasta indispensable, comparar el pensamiento mítico con el científico. Ciertamente que no siguen las mismas vías pero parecen preocuparse por la misma cosa: la realidad (CASSIRER, 1968, p. 69).

Ademais, Le Goff destaca que mesmo num processo de negação a narrativa mítica, sua concepção de realidade e sua temporaneidade continuam a influenciar, visto que o mito inspira outras narrativas:

Está então morta a Idade do Ouro? Estão mortas as Idades Míticas? Quando deparamos com a Idade do Ouro das seitas, dos hippies e dos ecologistas, dos economistas do crescimento zero, permitindo-nos pensar que as Idades Míticas não estão mortas e que talvez venham a conhecer uma *renovado* nas mentalidades, senão nas teorias dos historiadores (LE GOFF, 1990, p. 320).

Discussão

Assim, como outrora, os mitos continuam sendo, pois, narrativas, palavras elaboradas a partir do cotidiano como forma de comunicação, continuam revelando e escondendo a realidade do ser humano. Max Muller nos diz: “Sem dúvida, temos hoje nossa mitologia, tal como nos tempos de Homero” (apud CASSIRER, 1992, p. 19). Desse modo, os mitos sobrevivem como palavra, no sentido que eles são processos de compreensão da realidade. Cassirer salienta ainda: “Isto porque nenhum processo desta ordem chega a captar a própria realidade, tendo que, para representá-la, poder retê-la de algum modo, recorrer ao signo, ao símbolo” (CASSIRER, 1992, p. 21). No entanto, ao mesmo tempo que mostra, também esconde, obscurecendo para o homem a complexidade de sua realidade.

El mito ofrece, como si dijéramos, un rostro doble. Por una parte nos muestra Una estructura ‘conceptual’ y, por otra, una estructura ‘perceptual’. No es Una mera masa de ideas confusas y sin organización; depende de un modo definido de percepción (CASSIRER, 1968, p. 69)

Tem-se aí uma vertente para observar o mito como elemento de linguagem, ou melhor, o mito sob a perspectiva semiológica (BARTHES, 2001). Como narrativa (ADAM, 2004) e expressão humana, o mito é símbolo, pois tem significação que compõe e constitui a realidade:

- representação de um encadeamento temporal de ações;

- transformação da vida das personagens/actantes das narrativas;

- estrutura narrativa com sentido e evolução das ações decorridas.

Ao tornar-se narrado, o mito torna símbolo a realidade visível para nós, e esta apresentação é feita pela linguagem, expressão comunicativa do ser humano “el lenguaje y el mito, son especies próximas” (CASSIRER, 1968, p. 98). Na linguagem há o possível e a possibilidade de existir, tudo é vivo e concreto.

Assim, a formação do discurso passa pelo contexto: “[...] os signos lingüísticos que conformam a língua – langue – são associações ‘ratificadas pelo sentimento coletivo’” (CARBONI; MAESTRI, 2003, p. 1). Desse modo, a realidade é intermediada e entendida mediante um conjunto de signos: “A língua seria uma espécie de consciência coletiva unificadora dos indivíduos de uma comunidade lingüística” (CARBONI; MAESTRI, 2003, p. 1). A palavra se torna uma superpotência que molda a realidade, expressão inteiramente cheia de condições da existência física do ser humano. Palavra e mitos são simbólicos, constituídos de símbolos, cada um dependente do seu próprio contexto específico:

Nos fonemas da linguagem, assim como nas primitivas configurações míticas, consuma-se o mesmo processo interior; ambos constituem a resolução de uma tensão interna, a representação de moções anímicas em determinadas formações e conformações subjetivas (CASSIRER, 1992, p. 106).

É a realidade humana transformando-se em eventos que vão além da expressão dos sentidos corporais da pessoa. O mito se faz presente no tempo contemporâneo contribuindo para a percepção do espaço e do tempo, do *self* humano, pois o âmage das pessoas é construído com aspectos mitológicos dinâmicos.

La percepción mítica se halla impregnada siempre de estas cualidades emotivas; lo que se ve o se siente se halla rodeado de una atmósfera especial, de alegría o de pena, de angustia, de excitación, de exaltación o postración. No es posible hablar de las cosas como de una materia muerta o indiferente. Los objetos son benéficos o maléficis, amigables u hostiles, familiares o extraños, fascinadores y atrayentes o amenazadores y repelentes. Podemos reconstruir con facilidad esta forma elemental de la experiencia humana, pues tampoco en la vida del hombre civilizado ha perdido en modo alguno su fuerza original (CASSIRER, 1968, p. 70).

Resultados

Para Barthes (2001, p. 128), o mito é uma fala, uma mensagem, uma forma: “desde que seja susceptível de ser julgado por um discurso”, sem limites formais, assim tudo pode ser mito; “[...] a história transforma o real em discurso [...]” (BARTHES, 2001, p. 128). O mito é a fala escolhida pela história porque a palavra alcança, então, a forma de um poder mítico, substancial, com força substancial de criação de uma realidade particular da vida humana. Diante do incognoscível há uma nomeação, criamos um nome, pronunciamos uma palavra, nasce um mito: “numa fantasia mítica”, como “patrimônio da linguagem” (CASSIRER, 1992, p. 102). No nível linguístico, o mito se volta, como na palavra, para o pensamento, para um estado do ser humano, fazendo-o participar da realidade.

É sempre um processo linguístico que faz da palavra ser vivo, o existir do ente nomeado: “O ser se dá na linguagem porque a linguagem é numinosamente a força-de-nomear. E a força-de-nomear repousa sempre no ser, isto é, tem sempre força de ser e dar a ser” (TORRANO, 1991, p. 29). A linguagem intermediará as relações humanas, que de certa forma criará um mundo de fenômenos.

Enquanto experimentada como múltiplas forças numinosas, a linguagem é uma estrutura que encerra para o homem não só todos os eventos e todas as relações possíveis entre eles, mas ainda a própria consciência que o homem tem de si e do mundo. (TORRANO, 1991, p. 29).

Essa palavra de poder compreende na razão humana um despontar espiritual. “Essa condicionalidade, por seu turno, só pode ser concebida como algo inteiramente recíproco, pois a linguagem e o mito se acham originalmente em correlação indissolúvel” (CASSIRER, 1992, p. 106). Por isso, hoje o mito se faz presente de forma bem peculiar nas narrativas fantásticas que compensam a vida e o cotidiano. “Este poder da força da palavra se instaura por uma relação quase mágica entre o nome e a coisa nomeada, pela qual o nome traz consigo, uma vez pronunciado, a presença da própria coisa” (TORRANO, 1991, p. 17). Ou seja, função que se une num só tempo presente, futuro e passado.

Faz-se uma realidade, uma esperança como para aquele povo grego da Antiguidade. “A mitificação das personalidades por meio dos mass media, sua transformação em imagem exemplar” (ELIADE, 1972, p. 159). São exemplos atuais do mito, hoje. A apresentação do mito, atualmente, é uma reativação da memória que não se apaga, mas que retorna sempre, dando um sentido histórico e ao mesmo

tempo atemporal para as narrativas do presente.

Pelo enunciado é que nós nos comunicamos e relembramos as épocas ideais, beatíficas, o princípio, transformando isso numa realidade. “[...] é entre a realidade e a percepção que nós temos dela que vai introduzir-se o mito” (CALVET, 1973, p. 43). Barthes vê no mito a manifestação do signo, numa dimensão conotativa, justamente porque o mito é um signo de caráter ambíguo, distorce a fronteira entre as várias perspectivas acerca da realidade. Ele pressupõe uma consciência significante; o mito depende dos processos semiológicos:

- postular uma significação;
- ter significado igual a conceito;
- significante é imagem acústica (psíquico-mental) relacionada pelo signo.

No mito há signo, significante e significado, pois o mito se serve para construir o seu próprio sistema, imagem e linguagem, um sistema semiológico ampliado. Porque há o significante no mito: designa e notifica, faz apreender e impõe. Desse modo, o mito é um total de significação, pois estabelece um valor a ser observado em sua forma e em seu conceito, portanto linguagem de um grupo social, em que a realidade é manipulada, reelaborando uma visão de mundo que distorce ou nega a história: “Os homens vêm-se então propor uma imagem, uma visão de si próprios, profundamente dotada, mas com pretensões à eternidade” (CALVET, 1973, p. 59); assim, intensamente transformada em uma palavra de si mesmo acerca do mundo. Uma idiosincrasia dos mitólogos, fabricantes de mito, como declarava Roland Barthes (2001).

Conclusão

O caráter narrativo do mito porta a mesma essência do símbolo linguístico. Por isso, é signo numa dupla ação de revelar e desvelar a verdade enunciada. Na Antiga Grécia era assim, e continua sendo nas sociedades ocidentais, pois o mito não morreu. Ele continua dando ao mundo uma interpretação semiológica, comunicativa.

Assim, o real é traduzido em palavra, esta palavra que nomeia as divindades e faz nascer naquele, em muitos momentos, um ser, uma espécie de matéria intérprete da realidade, visível e sonora como Zeus portando seus raios e trovões num dia chuvoso e nimboso.

Por tudo isso, o mito é também o signo interpretante da realidade ontem e hoje, ele tem sentido discursivo numa existência próxima do ser humano, mesmo que o ser humano insista em rejeitá-lo e refutá-lo. O mito sobreviveu para descrever a perspectiva grega do mundo

e, agora, sobrevive em nossa sociedade porque está realizando o que é precioso para os humanos: buscar a verdade por suas próprias palavras, por seus próprios signos significativos.

Agradecimentos

Agradeço ao Prof. Dr. Richard Romero e a todos os colegas do grupo de estudo e pesquisa em Filosofia Antiga e do *Mênon* de Platão na Faculdade de Teologia e Filosofia da Companhia de Jesus do Instituto Santo Inácio (FAJE-ISI), em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. Igualmente a todos que me auxiliaram ao longo das pesquisas realizadas sobre discurso, linguagem e cultura na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Itapetinga, Estado da Bahia).

Referências

- ADAM, J. Narração. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Ed.). **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 342-345.
- ALSINA, J. **Tragedia, religion y mito entre los griegos**. Barcelona: Editorial Labor, 1971.
- BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CALVET, L. J. **Roland Barthes: um olhar político sobre o signo**. Lisboa: Editorial Veja, 1973.
- CARBONI, F.; MAESTRI, M. A linguagem escravizada. **Revista Espaço Acadêmico**, ano II, n. 22, 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/022/22cmaestri.htm>>. Acesso em: 10 Abr. 2004.
- CASSIRER, E. **Antropología filosófica**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1968.
- CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- DESCARTES, R. Discurso do método. In: **Os pensadores: Descartes**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 33-100.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- HESÍODO. **Teogonia**. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- JORDÉ, A. **A Grécia Antiga e a vida grega**. São Paulo: Edusp, 1977.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.
- LIMA, H. **Os Deuses que não morreram: ensaios de cultura grega**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001. t. 3.
- TORRANO, J. O mundo como função de musas. In: HESÍODO. **Teogonia**. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- VERNANT, J. P. **As origens do pensamento grego**. São Paulo: Difel, 1972.
- VERNANT, J. P. **Entre mito e política**. São Paulo: Edusp, 2002.

Received on June 22, 2008.

Accepted on November 28, 2008.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.